



Ricardo Carlino*

Ciberanálise: ano 2019

Homenagem a Asbed Aryan,
visionário precursor desse método.

A assídua e contínua prática da ciberanálise e a experiência acumulada outorgaram a este método uma identidade própria, razão pela qual considero que hoje está desatualizado o nome *psicanálise a distância*, sendo mais adequado o de *ciberanálise*. Teve sentido no início da sua implementação, pois havia que distingui-la da única conhecida e consagrada *análise de consultório*. Desde a minha atual experiência, posso afirmar que são dois métodos diferentes e que ambos compartilham quase todos os elementos teóricos, e só uma parte dos técnicos.

Nós, analistas, que nos propomos experimentar outra maneira de analisar tivemos que buscar possibilidades, discuti-las e processá-las em supervisões individuais e grupais, em espaços científicos (Carlino, 5 de abril de 2005, 13 de setembro de 2005), em congressos e, em certo momento evolutivo, plasmar tudo isto em um livro para sua difusão massiva (Carlino, 2010, 2011; Lutenberg, 2010/2011; Savege Scharff, 2013, 2015, 2017; Bastos, Czalbowski e Roperti, 2018). Foi

* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

necessário transpor um costume centenário, tão único e tão refinado que permitia que considerássemos a análise em consultório como a única possível. Num primeiro momento, percebemos que a realidade social e tecnológica estava batendo às portas da psicanálise clínica em função das novas demandas sociais e das novas possibilidades tecnológicas.

Ambos os métodos necessitavam criar uma *situação analítica* adequada à particular e singular característica de cada um. Hoje é possível afirmar que ambos possuem uma ontogenia e uma identidade própria e singular que os caracteriza; este é um ponto de partida conceitual adequado.

As comparações só tiveram sentido nos momentos iniciais da sua implementação, para valorizar sua viabilidade. Agora, ao contrário, os resultados propícios da sua massiva implementação não tornam necessárias as comparações. Atualmente nos interessa avaliar a incidência do método observando o andamento do processo analítico, fato fundamentado no congresso IPA de 2017 (Savege Scharff, Sehon, Carlino, Manguel *et al*, 25 de julho de 2017)¹.

O intercâmbio básico e fundamental utilizado na psicanálise clínica é o diálogo analista-analisante (Cantis-Carlino e Carlino, 1987) em um estado de disposição específico: a *situação analítica* regida pelo *contrato analítico*. Já comprovamos que é possível conseguir por meio da telecomunicação, que o habilita, a princípio, a implementá-lo clinicamente. O papel da linguagem está em dar um significado simbólico expresso linguisticamente, complementado pelo grau de pertinência e o caráter associativo ou dissociativo empregado, que acaba por oferecer um transcendente material clínico.

Virtualidade?

A denominada *comunicação virtual* moldou esse nome no início da era da tecnocultura. As imagens e sons do cinema e da televisão nunca foram considerados *virtuais*, ainda que neles tenha um processo de virtualização. Se a estas imagens mediatizadas tecnologicamente tivéssemos que

acrescentar um atributo, seria o de *realidade perceptível*. *Virtual* resultaria inadequado porque tem sido usado em oposição ao real.

Desde sempre, *as realidades* percebidas estão carregadas de transformações que contribuem seja pela subjetividade, pelo viés dos paradigmas perceptivos, seja por outros motivos, sem que por essa razão deixem de produzir vivências de realidades. A estes e a outros processos transformadores, Pierre Lévy (1995/1999) denomina *virtualização*; pois produzem efeitos que permitem abordar o transformado, pensá-lo e inclusive determiná-lo.

Da realidade psíquica, ainda que inalcançável, emana a realidade do cinema, do rádio, da transferência-contratransferência, dos sonhos, da ficção criadora de um escritor, etc. A respeito disso, fazendo referência à realidade ficcional, Mario Vargas Llosa nos oferece seu interessante livro *La verdad de las mentiras* (1990/2002).

O que é a ficção? Uma construção de fatos imaginários que representam algo criado pela imaginação, que é alcançado e retido intelectual e emocionalmente por quem tem contato, e que formará parte da sua bagagem experiencial.

A prática adquirida com a ciberanálise tem dado respostas que, em sua criação, no início, eram perguntas impossíveis de responder. Era um momento de *apostas no método*, feita com ética responsável, mas sem garantias imediatas. Uma única experiência não confirmava nem desmentia a eficácia do novo método, era preciso múltiplos tratamentos analíticos, de vários analistas e também de vários anos.

O fato de *hoje* não ser *ontem*, nos deixa em posição de poder recapitular e obter algumas reflexões otimistas com respeito aos resultados. A aprendizagem deste método e a sua aplicação clínica podem transformar a vida profissional do analista. Este método expande sua visão levando-o a ampliar seu panorama, a conhecer com que paradigmas lógicos pensa (Carlino, 2000) e a diferenciar do método que aplica o analisante *offshore*. Outra ótima possibilidade que oferece a ciberanálise é a de habilitar o analista para trabalhar fora do consultório. A globalização alcança, também,

¹ Ver: Bernardi (2014, cap. 1).

a vida profissional do analista, que lhe permite ciberanalisar ainda que esteja longe do seu consultório.

A esta altura de sua difusão prática e dos conhecimentos desta maneira de implementação analítica, torna-se necessário incluir nos seminários de formação o ensino deste método (Marzi e Fiorentini, 2017). As sociedades psicanalíticas deveriam oferecê-lo, também, para seus membros componentes. Abarcar com compreensão específica as transformações deste setting (Saporta, 2017) difere bastante do clássico consultório. Devemos considerar, também, sua indicação e o sentido ético da sua implementação. O aspecto legal e impositivo, especialmente na América Latina, é uma temática ainda incompleta desta atividade profissional (Carlino e Hermida, 2010; Vanderpool, 2015).

Em síntese, este método tem feito com que sejam possíveis tratamentos que antes não eram e nem sequer podiam ser concebidos, seja pela distância, seja pela densidade do trânsito nas cidades, porque em algumas cidades é perigos transitar quando escurece, ou por outros diversos motivos.

Referência

- Bastos, A., Czalbowski, S. e Roperti, E. (comp.) (2018). *El reto de la psicoterapia en Internet*. Madrid: Psimática.
- Bernardi, R. (2014). *Tiempo de cambio: Indagando las transformaciones en psicoanálisis. El modelo de los tres niveles* (cap. 1). Londres: Karnac.
- Cantis Carlino, D. e Carlino, R. (1987). Diálogo analítico, un diálogo múltiple. *Psicoanálisis*, 9(3).151-172.
- Carlino, R. (2000). *Transformaciones socioculturales: Su incidencia en el encuentro analista-analizando*. Actas del Segundo Coloquio Interdisciplinar Transformaciones, Psicoanálisis y Sociedad, Barcelona.
- Carlino, R. (5 de abril de 2005) *¿Psicoanálisis por teléfono?* Actas del Ateneo Científico de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Carlino, R. (13 de septiembre de 2005) *¿Psicoanálisis por teléfono?* 2. Actas del Ateneo Científico de la Sociedad Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires.
- Carlino R. (2010). *Psicoanálisis a distancia: Teléfono-videoconferencia-chat-mail*. Buenos Aires: Lumen.
- Carlino, R. (2011). *Distance psychoanalysis: The theory and practice of using communication technology in the clinic*. Londres. Karnac.
- Carlino, R. (2014). Reflexiones actuales sobre el psicoanálisis a distancia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 18, 173-197.
- Carlino R. y Hermida, J. (2010). Aspectos legales del psicoanálisis a distancia. En *Psicoanálisis a distancia: Teléfono-videoconferencia-chat-mail* (cap. 8). Buenos Aires: Lumen.

Lévy, P. (1999). *¿Qué es lo virtual?* Barcelona: Paidós. (Trabajo original publicado em 1995).

Lutenberg, J. (2011). *Tratamiento psicoanalítico telefónico*. Lima: Siklos. (Trabajo original publicado em 2010).

Marzi, A. y Fiorentini, G. (2017). Light and shadow in online analysis. En J. Savege Scharff (ed.), *Psychoanalysis online 3: The teleanalytic setting* (pp. 65-84). Londres: Karnac.

Saporta, J. A. (2017). The space and place of psychoanalytic treatment: A philosophical meditation. En J. Savege Scharff (ed.), *Psychoanalysis online 3: The teleanalytic setting* (pp. 85-96). Londres: Karnac.

Savege Scharff, J. (ed.) (2013). *Psychoanalysis online: Mental health, teletherapy and training*. Londres: Karnac.

Savege Scharff, J. (ed.) (2015). *Psychoanalysis online 2: Impact of technology on development, training, and therapy*. Londres: Karnac.

Savege Scharff, J. (ed.) (2017). *Psychoanalysis online 3: The teleanalytic setting*. Londres: Karnac.

Savege Scharff, J., Sehon, C., Carlino, R., Manguel, L. et al. (25 de julho de 2017). *Observação da evolução clínica de um paciente tratado por ciberanálise com 3 anos e meio de evolução baseado no método 3LM*. Pré-Congresso ao 50º Congresso IPA, Buenos Aires.

Vanderpool, D. (2015). Legal aspects of teleanalysis in the United States. En J. Savege Scharff, (ed.) *Psychoanalysis online 2: Impact of technology on development, training, and therapy*. Londres: Karnac.

Vargas Llosa, M. (2002). *La verdad de las mentiras*. Madrid: Alfaguara. (Trabajo original publicado em 1990).

